



EM CENA

Revista de Pedagogias
e Poéticas Cenográficas
E-ISSN 2764.4669

Pensamentos inacabados sobre o escuro OU por uma poética da escuridão no teatro

Tuany Fagundes Rausch
Daniele Rocha Viola

Para citar este artigo:

RAUSCH, Tuany Fagundes. VIOLA, Daniele Rocha. Pensamentos inacabados sobre o escuro OU por uma poética da escuridão no teatro. *A Luz em Cena*, Florianópolis, v.1, n.3, jul. 2022.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/27644669010320220202>

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



Pensamentos inacabados sobre o escuro OU por uma poética da escuridão no teatro

Tuany Fagundes Rausch¹
Daniele Rocha Viola²

Resumo

Este ensaio "às escuras" traz reflexões filosóficas e artísticas sobre o escuro e a sombra como eixos de criação, e não a luz em primeiro plano como comumente ocorre. Revisitamos nossos escritos de anos atrás e, assim como quem tateia um espaço desconhecido, elaboramos reflexões pessoais, acerca de processos criativos, citações e imagens sobre porque consideramos o escuro como protagonista de nossas obras. Como iluminadoras e sombristas, nossas pesquisas dialogam diretamente com nossas práticas artísticas e aqui, como num memorial criativo, registramos nossas perspectivas como num diálogo escrito, buscando registrar caminhos em comum e questões ainda a serem exploradas.

Palavras-chave: Teatro. Sombra. Arte. Filosofia.

Unfinished thoughts about the dark OR for a darkness's poetics in theater

Abstract

This "essay at the dark" brings philosophical and artistic reflections on the dark and shadow as axes of creation, and not light in the foreground as commonly occurs. We revisited our writings from years ago and, like someone groping an unknown space, we elaborated personal reflections on creative processes, quotes and images about why we consider the dark as the protagonist of our works. As light designer and shadow puppeteers, our research dialogues directly with our artistic practices and here, as in a creative memorial, we record our perspectives as in a written dialogue, seeking to register common paths and issues yet to be explored.

Keywords: Theater. Shadow. Art. Philosophy.

¹ Atriz, Pesquisadora e Professora. Mestra em Artes Cênicas pela UFU. Graduada em Licenciatura e Bacharelado em Teatro na UDESC. Desde 2014, integrante e cofundadora da entreAberta Cia Teatral. Professora de Artes no ensino público estadual de Belo Horizonte/MG. Principais áreas de interesse para atuação e pesquisa: teatro de formas animadas, construção de silhuetas e bonecos e processos criativos.

✉ avanteealem@gmail.com | <http://lattes.cnpq.br/4168676439226123> | 

² É atriz-performer, iluminadora, mascareira-sombrista, pesquisadora em teatro de animação. Mestra em Teatro pela UDESC. Bacharela em Educação Física pela USP e em Artes Cênicas pela UFSC. Faz parte da Cia. Libélulas desde a sua fundação (2014).

✉ daniele.viola@alumni.usp.br | <http://lattes.cnpq.br/9645544659326604>
 <https://orcid.org/0000-0002-0150-1355>



Pensamientos inconclusos sobre la oscuridad O para una poética de la oscuridad en el teatro

Resumen

Este “ensayo en la oscuridad” aporta reflexiones filosóficas y artísticas sobre la oscuridad y la sombra como ejes de la creación, y no la luz en primer plano como suele ocurrir. Revisamos nuestros escritos de hace años y, como quien tantea en un espacio desconocido, elaboramos reflexiones personales, sobre procesos creativos, citas e imágenes sobre por qué consideramos que la oscuridad es la protagonista de nuestro trabajo. Como iluminadores y sombristas, nuestras investigaciones dialogan directamente con nuestras prácticas artísticas y aquí, como en un memorial creativo, registramos nuestras perspectivas como en un diálogo escrito, buscando registrar caminos comunes y preguntas aún por explorar.

Palabras clave: Teatro. Sombra. Arte. Filosofía.



- Acabou a luz.
- O sol explodiu?
- Esses meses do ano sempre tem chuva. Quase inevitável que isso fosse acontecer.
- É.
- Termina amanhã.
- Tá, mas amanhã já é outro dia, tinha outros planos.
- Sabe o que eu acho?
- Ahn?
- Muitas vezes, quando estamos sem saber o que fazer, sem ideia de como continuar, dizemos que estamos no “escuro”. Como se isso fosse completo vazio, plena inércia, sem esperança de saber como saímos dali - talvez, de como chegarmos na “luz” novamente.
- Ah, mas é diferente.
- Porque?
- Que foi?
- Nada. Tô te olhando.
- Como, se você nem tá me enxergando?
- Mas assim não dá. Tem um quadro no meio da parede.
- Tem uma pedra no meio do caminho.
- No meio do caminho tem uma pedra.
- Um quadro.
- No meio da parede tem um quadro.
- No meio do escuro tem uma luz.
- Ou ao redor da luz tem o escuro?



“espaço menos iluminado, onde não bate luz direta; escuro, obscuridade, ausência de luz; escuridão, ausência de conhecimentos, cultura, instrução, liberdade, justiça; obscurantismo, ignorância, despotismo; parte mais escura de um desenho, gravura ou pintura, que reproduz os efeitos da ausência de luz na natureza e que dá relevo ao que está representado; algo que obscurece ou mancha a biografia ou a reputação de alguém; mácula, nódoa, senão forma escura produzida na superfície de um objeto pela interposição de outro objeto entre aquele e uma fonte de luz; coisa que parece impalpável, imaterial; vulto, espírito desencarnado; alma, fantasma, o que entristece, preocupa, amedronta.”

**HOUAISS, 2001
(Ver OLIVEIRA, 2011, p. 21)**

Elaborado pela autora (Voz 2), por meio do site canva.com, 2022



VOZ 1 ... em fluxos de pensamentos

Se... ao invés de pensar a luz como rito de passagem, o escuro fosse o tal rito? Toda a mística e potência criadora, o mistério e fantasia viessem do ritual escuro, sem luz? E se o escuro fosse pensado para além de uma oposição da existência luz? Quem sabe pensar no escuro em seus próprios termos, na sua existência como fato concreto: está escuro, ele existe, e algo acontece nele... Obviamente, luz e escuro são elementos (seres/forças/fenômenos?) complementares, mas haveria a possibilidade de se pensar uma poética do escuro? Do que sairia dele... Talvez pensar o escuro como a suspensão, ou o momento pré expressivo ou a página em branco como diria Lecoq³. Ou quem sabe, poderíamos pensar no agenciamento que a completa escuridão exerce sobre nossas ações, o que ela poderia transformar de fato, modificar cênica e sensivelmente.

E se pensarmos historicamente sobre o escuro? Ele, que ao longo das décadas, transformou-se com a tecnologia e foi ficando cada vez menos expressivo no meio urbano, e isso devido a todo o desenvolvimento da lâmpada (mais luz e menos escuro).

Mas ainda um escuro que pulsa na escrita de Bachelard, que ao descrever a chama de uma vela nos remete à sensibilidade de uma época em que a luz não nos atravessava como hoje... A luz era sensível, às vezes mirrada e agonizante, e os olhos humanos eram acostumados ao escuro, ao contrário de hoje, que estão habituados à claridade.

Na cena teatral, o que podemos retomar desse escuro ou dessa antiga percepção do escuro e torná-lo potência criadora...

Seria possível criar a partir do escuro? tê-lo como fonte criadora e nele se manter? Eu não sei... mas gosto da ideia...

³ Jacques Lecoq foi um pedagogo teatral, encenador e pesquisador, muito conhecido pelo trabalho com as máscaras teatrais e estudo do movimento.

[...] contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente.

(AGAMBEN, 2009, p. 62)

Montagem elaborada com imagens do banco de dados do site canva.com



VOZ 2...

...a sombra & o teatro de sombras

Interessante pontuar que a luz e o escuro só existem um com o outro. Porém, nossa sociedade é limitada a entender a escuridão a serviço da luz, como sua função secundária, como uma consequência muitas vezes *nongrata*. Mas, e se transgredirmos essa lógica, deslocando o escuro como o foco da cena, como imagem de nosso pensamento crítico-filosófico? E se, ao invés de uma cena teatral ter pouca luz, ela tivesse muito escuro?

É inegável a relação entre o escuro e a sombra - para algumas pessoas talvez até sejam a mesma coisa. Porém, em termos poéticos, percebo a sombra como o desenho do escuro. Um desenho onde as linhas da escuridão abraçam silhuetas de flores, árvores, pássaros, de maneira efêmera, volátil, dinâmica.

Os desenhos do escuro, as sombras, nunca estão no mesmo lugar e nem mesmo podem ser interpretadas da mesma forma, ainda que duas pessoas as vejam ao mesmo tempo. Rapidamente as linhas do escuro, desenhadas sobre áreas iluminadas, se distorcem e escapam de nosso alcance. Nunca conheci alguém capaz de ter fugido da própria sombra! Talvez isso mostre o quanto ela está sempre à nossa frente, além de nosso entendimento. Mesmo que muitas vezes não a enxerguemos, muito por falta de atenção, ela está sempre conosco.

Para a área da psicologia, numa perspectiva mais junguiana⁴, a sombra é nosso lado oculto, o lugar onde traumas e medos ficam guardados. É recorrente associar escuridão como algo ruim, como um lugar onde tudo é desconhecido e podemos sofrer algum ataque, sem chance de defesa.

Podemos perceber isso em filmes de terror, de suspense ou mesmo de ação, com locais super escuros, frequentemente à noite, como porões, florestas, estradas vazias, casas isoladas, ou ainda no abissal dos oceanos e no espaço sideral, o escuro é lugar do desconhecido, tido como inimigo, e conseqüentemente como um lugar que devemos temer e evitar.

Mas afinal, não haveria nada de bom no desconhecido? Se considerarmos a sombra como um desenho do escuro, devemos lembrar que nem todo escuro é sombra, mas toda sombra é

⁴ Carl Gustav Jung (1875-1961), popularmente conhecido como Carl Jung, foi um psiquiatra suíço, fundador da escola da Psicologia Analítica. Disponível em: https://www.ebiografia.com/carl_gustav_jung/. Acesso em 17 de março de 2022.



escuro. Assim, se pensássemos num símbolo, qual seria o do escuro?

Em “Prótese: uma experiência com a imagem dialética no teatro de sombras”⁵ (2015), semeei algumas possibilidades sobre como podemos entender a poética da sombra, enquanto um fenômeno natural, e a poética do teatro de sombras, enquanto um fenômeno artístico cultural criado pelo ser humano. Parte-se do ponto que a sombra em si já possui uma linguagem e, no teatro, ela se apresenta também como uma expressão artística.

Para isso, dialoguei com perspectivas benjaminianas⁶ no que diz respeito ao entendimento sobre linguagem e expressões artísticas. Sobre tal, ele aponta que:

Há uma linguagem da escultura, da pintura, da poesia. Assim como a linguagem da poesia se funda – se não unicamente, pelo menos em parte – na linguagem de nomes do homem, pode-se muito bem pensar que a linguagem da escultura ou da pintura estejam fundadas em certas espécies de linguagens das coisas, que nelas, na pintura ou na escultura, ocorra uma tradução da linguagem das coisas para uma linguagem infinitamente superior, embora talvez pertencente à mesma esfera. Trata-se aqui de línguas sem nome, sem acústica, de línguas próprias do material; aqui é preciso pensar naquilo que as coisas têm em comum, em termos de material, em sua comunicação (BENJAMIN, 2011, p. 71).

Na época, entendi o teatro de sombras como uma possível “tradução” da sombra, como aponta Benjamin, de uma linguagem das coisas da natureza (no caso, a sombra) pelas linguagens artísticas (no caso, o teatro), criando uma outra linguagem, um outro caminho de significação e símbolo. Ainda debatendo acerca de conceitos benjaminianos, pontuei que:

A linguagem comunica tudo que é comunicável pelo “espírito”. Dessa forma, o que não se expressa na essência linguística não é conhecido pelo homem. Em outras palavras, a linguagem limita-se a si mesma. Uma possível “totalidade” da essência espiritual não pode ser expressa através da linguagem, visto que esta é limitada por si mesma. Ou seja: nem tudo pode ser expresso pela linguagem e nossa expressão limita-se, em sua maior parte, a ela. [...] O mesmo se pode aplicar à sombra. Ela tem sua própria essência espiritual, independente do teatro. Logo, o teatro de sombras torna-se a fusão de duas linguagens – a do teatro em geral e a da sombra - para tornar-se outra, sem excluir ambas, mas configurando-se de maneira a comunicar para o espectador as potencialidades desta união. Nela, propõe-se sombra enquanto linguagem, a sombra

⁵ “Prótese: uma experiência com a imagem dialética no teatro de sombras” (2015) foi meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), orientado pela Profª. Dra. Fátima Costa de Lima.

⁶ Walter Benjamin (1892-1940) foi um crítico, ensaísta, tradutor e filósofo nascido em Berlim (Alemanha). Autor de obras densas, de ideologia marxista e contemporâneo de grandes nomes, como o diretor, ator e dramaturgo Bertold Brecht. Benjamin é um dos principais pensadores ocidentais, que refletia sobre o contemporâneo, a guerra e sobre a influência do Estado e do sistema capitalista na humanidade.



na comunicação, a sombra na expressão artística (FAGUNDES, 2015, p. 25).

VOZ 1 - pode? O escuro pode?

Pode o escuro falar? Uma vez que não o pensamos como oposição, e sim como um elemento tão ativo quanto a luz, o que o escuro - que habita em mim, em nós - pode de fato concretizar? O teatro de sombras talvez seja uma de suas grandes realizações, pois é a pura expressão poética da escuridão e também da luz, eles andam juntos e criam movimentos poéticos.

VOZ 2-

a escuridão

como imagem dialética

A grosso modo, o filósofo, crítico e escritor alemão Walter Benjamin (1892-1940) considera o conceito de imagem dialética como o encontro entre imagem, mito e história. No que diz respeito sobre o escuro, e se o considerarmos como uma imagem ou mesmo um símbolo, reiterando o que foi apresentado até então, defendo o considerarmos como uma imagem dialética segundo a definição benjaminiana. Para visualizarmos melhor o signo do escuro como ponto de partida filosófico, apresento a seguinte analogia:

A reflexão crítica, a entendemos como uma sombra que pode nos mostrar outra perspectiva. Como se a partir do momento que nos conscientizamos da existência de nossa sombra, passássemos a perceber além de suas delimitações. Como e o quanto podemos enxergar a partir dela? Assim como numa escuridão extrema, o excesso de luz pode cegar. Pode imobilizar-nos de maneira que nossas ações sejam restringidas a uma letargia que mal consegue suportar tal situação. Vivemos em tempos – e ousa dizer que a maior parte de nossa história foi e é assim – de luzes faiscantes e aparentemente bonitas, encantadoras. São como fogos de artifício que nos dispersam e nos alienam de nosso estado crítico, de nossa percepção e da possibilidade de autoconhecimento. A sombra, nesse sentido, vem para nos fazer enxergar além da luz que nos limita. As penumbras passam a ampliar horizontes e a traçar novos caminhos. Na estrada de tijolos dourados, caminhamos pelo acostamento (FAGUNDES, 2015, p. 29).



Outro filósofo que corrobora com essa perspectiva “inversa” acerca da luz e do escuro, é o italiano Giorgio Agamben (1942-). Em sua obra “O que é o contemporâneo” (2009), ele disserta sobre imagens e alegorias do que seria uma perspectiva crítica contemporânea, além da definição de vivermos concomitantemente num mesmo período cronológico. Sobre o escuro e a luz, podemos perceber uma relação dialética entre ambos, onde um só existe com o outro e vice-versa - seja do ponto de vista das leis físicas ou do ponto de vista filosófico. Assim, Agamben defende que:

O escuro não é, portanto, um conceito privativo, a simples ausência da luz, algo como uma não-visão, mas o resultado da atividade das off cells, um produto da nossa retina. Isso significa, se voltarmos agora à nossa tese sobre o escuro da contemporaneidade, que perceber esse escuro não é uma forma de passividade, mas implica uma atividade e uma habilidade particular que, no nosso caso, equivalem a neutralizar as luzes que provêm da época para descobrir as suas trevas, o seu escuro especial, que não é, no entanto, separável daquelas luzes (AGAMBEN, 2009, p.63).

Refletir a partir do que é “colocado de lado”, muitas vezes marginalizado, dialoga diretamente com correntes de pesquisa que ganharam força nas últimas décadas no âmbito acadêmico. Discursos hegemônicos ocidentais e colonizadores, estão sendo questionados por intelectuais, militantes e artistas com epistemologias antes subjugadas, tidas como dissidentes justamente por buscarem outras possibilidades de existência, de concepção de mundo e de fazeres artísticos, que transgridem muitas das perspectivas eurocentradas, brancas, cisgêneras e heterossexuais, por exemplo.

Dentre elas podemos citar Geni Núñez (guarani, psicóloga e ativista anticolonial); Julianna Rosa de Souza (artista, professora, escritora e pesquisadora); Dodi Leal (curadora, crítica, performer e iluminadora); Aline Dias (historiadora e pesquisadora); Renato Nogueira (filósofo, escritor e professor); Jota Mombaça (escritora, performer e artista); Judith Butler (filósofa e escritora estadunidense); bell hooks [sic] (escritora, professora, artista e ativista antirracista estadunidense) e Lélia González (intelectual, autora, política, professora, filósofa e antropóloga).

Discussões importantíssimas acerca de categorias de raça, gênero e sexualidade, ampliam-se em pesquisas práticas e teóricas. Dogmas do que antes considerava-se como o único conhecimento legítimo estão sendo quebrados, em busca de outras formas de viver, de amar e sermos amadas enquanto pessoas, com mais equidade e menos violências diante da diversidade



de corpos e subjetividades existentes.

Muitas gerações passadas e presentes são contemporâneas em lutas contra racismos, sexismo, machismo, homofobia, transfobia, gordofobia, etarismo, capacitismo e outras tantas violências que, desastrosamente, ainda fazem parte da estrutura de nossa sociedade. Gerações que percebem o escuro, a sombra, que vão além do primeiro plano luminoso dos discursos hegemônicos, que veem as nuances das penumbras, seus desenhos no espaço, que escrevem a revolução com as luzes apagadas para, assim, tentarem fazer toda uma sociedade enxergar novamente...

VOZ 1 - divagações animar-escuro

Ao refletir sobre a cena teatral, o desenvolvimento do espetáculo e recorrer às memórias dos espetáculos que já produzi⁷ e até mesmo na minha dissertação⁸, penso sobre a ação do escuro e o quão ela é determinante na qualidade da luz. O raciocínio não é simples, mas se faz necessário: pense na possibilidade de animar o escuro. E animar no sentido de dar ânima, vida... como isso seria possível, dar vida, ou a sensação de, ao escuro? É então que retomo a minha dissertação:

Operar a luz e criar uma Iluminação Cênica, é dar vida a algo que é inanimado, gerir ritmo, intensidade, brincar com sua presença e sua ausência. A meu ver, é animar a luz, é pensar a Iluminação Cênica também em relação, logo, sem hierarquias. Percebo que a ausência da luz também faz parte da sua existência. O escuro, a penumbra ou a luz, todas constroem narrativas e presenças. Passo a refletir que o escuro, assim como a luz, pode ser animado. No entanto, a possibilidade disto é condicionada pelas ações anteriores ou posteriores à atividade da luz. Então, animar o escuro está ligado ao momento da transição do “há luz” para o escuro, ou penumbra. Neste movimento há muitas variações, que podem compreender a qualidade da iluminação, ou seja, a luz de uma lâmpada de 100 watts vai produzir um escuro subsequente e a luz de uma vela vai produzir outro. Luz e escuro estão sempre em relação (VIOLA, 2020, p. 90-1).

Penso também que a qualidade da *animação da luz* está ligada à qualidade do escuro, às transições, ao escuro anterior e posterior.

⁷ Como em “Sombras do Interior: rastros expressos em imagens” (2021), “O Príncipe Feliz” (2016) e o teatro lambe-lambe “Quando as Flores Caem” (2018).

⁸ BUSCO A FLOR E ENCONTRO A POESIA DA PRECARIIDADE: percursos de uma investigação através da iluminação cênica e a máscara teatral. Dissertação defendida em dez. 2020.



De tanto ouvir o clamar pela luz, “mais luz, por favor!” De perceber o anseio para ser visto, vendo a constante necessidade de cenas cada vez “mais iluminadas”, quis pensar sobre o escuro, falar sobre ele, abraçar a penumbra. Diretores: MAIS LUZ! Atores: MAIS LUZ!... Todos querem ser vistos... É então que mergulho no escuro, abraço o teatro das sombras e de sombras, a luz mais poética parece nascer desses escuros... Mas é quase um caminho solitário, para o teatro de diretor/ator, a iluminadora torna-se um instrumento do desejo de ser visto, pois é ela quem concretizará a vontade dos outros artistas... Ainda sim, reflito sobre ser essa iluminadora que cria escuros poéticos, afinal como isso é possível ou viável?

A escolha das **fontes luminosas**, assim como o espaço, vão atuar diretamente na ação do **escuro...**



POR QUE

ALGUMAS PESSOAS

TÊM MEDO DO

ESCURO?

...Ele será **animado**

através da ação da

iluminação e das características físicas

do

espaço.



VOZ 1 - desequilíbrios...

É de se pensar, o escuro suscita e suspende as tensões, principalmente para aqueles que são videntes, que se relacionam com o mundo pelos olhos... Talvez, pensando um pouco melhor, Escuro e Luz poderiam ser como Ying e Yang, um precisa do outro, ambos coexistem, e um existe no outro, toda luz contém escuro e todo escuro contém uma luz. Trata-se de equilíbrio... Contudo, no teatro, na cena, trata-se de jogar com ele, brincar desequilibrando-os para depois re-equilibrá-los e desestabilizá-los novamente...

Ainda sim, esse pensamento não é fácil, uma iluminadora que clama pelo escuro, mesmo compreendendo que está gerando um desequilíbrio (ou buscando um equilíbrio, já que tanto se pede pela claridade), é difícil.

Já para uma sombrista parece-me que é mais aceitável, é evidente que as imagens mais bonitas e fantásticas saem do escuro mais profundo no teatro de sombras - embora acredite que isso vale para o teatro como um todo.

Logo imagino as sombristas como seres mágicos... talvez cientistas? Digo, elas (nós) fazem (fazemos) magia diante de um público, manipulando, animando luz e escuro, quase como se tivessem uma compreensão de um outro mundo possível, além de materializar as imagens que nascem de algum lugar de suas mentes, sombrias ou brilhantes. Eu, como sombrista também, às vezes me sinto assim, mágica.

Ser sombrista e/ou iluminadora é trabalhar com o imaterial, com o tempo e com a ciência. Ademais, requer uma atenção e ações precisas, pense que aquilo que o público vê é só uma parte do que realmente acontece: iluminadora e sombrista têm uma outra perspectiva e desenvolvem várias ações e, estas, muitas vezes nem são vistas pelo público, como que move a luz, os percursos percorridos atrás da tela... jogos transformados para a visão do público: mágica e ciência.

... Tempo...

... Tempo.

Trabalhar o escuro é tomar um tempo, é saber dar uma pausa, é ter paciência... os olhos precisam se acostumar. Trabalhar o escuro é compreender a luz, assim como trabalhar a luz é entender o escuro.



Escuro e existência...

O escuro também provoca algo em nossas percepções, o espaço continua ali, a existir, mas a nossa relação com o escuro é que se transforma na escuridão. O espaço ainda é tridimensional, as coisas nele ainda possuem peso, forma e volume.

Qualidade, luz, cor, profundidade, que estão a uma certa distância diante de nós, só estão aí porque despertam um eco em nosso corpo, porque este as acolhe. Esse equivalente interno, essa fórmula carnal de sua presença que as coisas suscitam em mim, por que não suscitaríamos por sua vez um traçado, visível ainda, onde qualquer outro olhar reencontrará os motivos que sustentam sua inspeção no mundo? (MERLEAU-PONTY, 2004, p.18).

E quando o olhar só encontra o escuro? Ainda haveria algum “eco” desse espaço mesmo que a visão não alcance a existência das coisas? Penso que na escuridão o corpo ainda pode perceber o espaço, de outra maneira além do campo visual, de maneira tátil, sensível, mas pode...

Contudo, para essa percepção vir pelo próprio olhar, ela requer tempo e paciência, calma para que os olhos se libertem ou se ancorem em algum ponto seguro. É então que as imagens se formam, os olhos até percebem algum rastro de luz...

...é então que começa o movimento do escuro-luz [█] lentamente, em *fade in*, vem a luz [█]... ou repentinamente, de forma brusca [█], faz-se luz, e imagens se antepõem diante da fonte luminosa, e as sombras formadas dançam pelo espaço [█|█|█|█], sendo ainda a escuridão o elemento predominante.



A **sombra** do teatro de

sombras é a dança do escuro

quando se encontra com um

feixe de **luz**.



Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios.** Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BACHELARD, Gaston. **A chama de uma vela.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.a., 1989. 112p. Tradução de Glória de Carvalho Lins.

BENJAMIN, Walter. **Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem dos homens.** In Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921). Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2011.

FAGUNDES, Tuany. **Prótese: uma experiência com a imagem dialética no teatro das sombras.** 2015. 49p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Curso de Teatro, Florianópolis, 2015. Orientação de Fátima Costa de Lima. Disponível em:
<https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000006/0000060f.pdf> Acesso em 17 de março de 2022.

LECOQ, Jacques. **O Corpo Poético: Uma pedagogia da criação teatral.** São Paulo: Senac, 2010. p. 1-239. Tradução de Marcelo Gomes.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito.** São Paulo: Cosac & Naify, 2004. 166p. Tradução de Paulo Neves; Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira.

OLIVEIRA, Fabiana Lazzari de. **Alumbramentos de um corpo em sombras: O ator da Companhia Teatro Lumbra de Animação.** Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre em Teatro, Curso de Pós-graduação em Teatro. Orientador: Prof. Dr. Milton de Andrade Leal Júnior. Florianópolis, UDESC, 2011.

VIOLA, Daniele Rocha. **BUSCO A FLOR E ENCONTRO A POESIA DA PRECARIIDADE: percursos de uma investigação através da iluminação cênica e a máscara teatral.** 2020. 107f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Teatro, Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em:
<https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000083/0000834f.pdf> Acesso em: 3 março de 2022.

Recebido em: 28/03/2022

Aprovado em: 20/07/2022